



Vendedores ambulantes no Rio de Janeiro: experiências urbanas e conflito pelo uso do espaço

Maria de Fatima Cabral Marques Gomes, Professora Titular Escola de Serviço social/UFRJ, pesquisadora do CNPq, coordenadora do Grupo de pesquisa FACI

cabral.gomes@pq.cnpq.br

Caterine Reginensi, antropóloga, Professora na Escola de Arquitetura de Toulouse, Pesquisadora no GRECAU e no FACI creginensi@hotmail.com

Nosso trabalho está baseado em pesquisas teórico-empíricas realizadas em vários espaços da cidade do Rio de Janeiro¹. Pretende abordar o comércio ambulante a partir das seguintes dimensões: as práticas sócio-espaciais dos trabalhadores ambulantes, seu perfil e as redes sociais nos diferentes contextos, bem como o conflito pelo uso do espaço, sua organização coletiva e a atuação do poder público em relação a esse tipo de trabalho informal.

Descrição dos campos e metodologia das pesquisas

Questões desenvolvidas e principais hipóteses de trabalho

A atividade ambulante se insere no mercado informal. Esse segmento da população tem sido considerado excluído em razão do conjunto de dificuldades dos modos e dos problemas de uma inclusão precária, instável e marginal no mercado de trabalho. A temática da informalidade tem provocado um crescente interesse nos estudiosos, principalmente a partir dos anos 1980, com a flexibilização das relações de trabalho posta no quadro da reestruturação produtiva. Nesse momento, essa questão se complexifica e aparecem novas formas de informalidade gestadas no quadro das mudanças verificadas no mundo do trabalho a partir da globalização da economia e, se mesclam ao tradicional mercado informal de subsistência.. Essa atividade na medida em que se desenvolve em espaços públicos transforma e produz esses espaços, produzindo conflitos no espaço cidadão. No Brasil, os dados do IBGE (2000) apontam que nas principais regiões metropolitanas do país: 45% dos trabalhadores estão no mercado formal e 55% no mercado informal, o que corresponde a grande parte da população economicamente ativa.

Suscitando grandes discussões, a informalidade tem revelado os diferentes ângulos do debate. Algumas preocupações se fazem no sentido de situar essa economia sob a ótica da produção, suas relações com a economia formal, outras se colocam em termos do acesso ao espaço público e da exclusão social colocada no âmbito da globalização. Entendemos, que a problemática histórica da exclusão social² na realidade brasileira tem uma relação direta com o fenômeno da informalidade. Entendemos ainda que o crescimento da atividade ambulante relaciona-se ausência de emprego dado o aprofundamento do desemprego estrutural no

¹ Ver tabela na parte 1 deste trabalho. Agradecemos a participação, na coleta de dados e discussões sobre os procedimentos metodológicos, dos alunos da Graduação e do Mestrado da ESS/UFRJ principalmente: Nina Mayer, Bruno Alves, Débora Santos e Bárbara Góes Palhares e de nosso colega Nicolas Bautes, Doutor em geografia.

² Partimos aqui do conceito de exclusão social que compreende que essa é resultante de um processo combinado e simultâneo à inclusão. (Pochmann & Amorim, 2003)



mercado formal³, da perda salarial, do retrocesso das lutas sindicais, podendo ainda ser entendida como estratégia de resistência às formas mais subordinadas e mal remunerada de trabalho. Assim, temos para além da exclusão, a criação de novas formas de ação laboral, a busca de alternativas, apesar das condições de precarização em que os trabalhadores ambulantes estão inseridos. Trata-se de experiências que são processadas e afirmadas no cotidiano, expressas no modo de vida e de trabalho. Os ambulantes, enquanto um segmento social com visibilidade sóciopolítico na vida urbana atual brasileira, afirmam seu trabalho/atividade, apesar dos processos de exclusão, expropriação e vulnerabilidade aos quais este segmento está submetido, e conseguem se articular em função dos seus interesses à medida que ocupam e produzem o espaço urbano. Entendemos que no processo de vida desses ambulantes as formas de viver e trabalhar se (re) produzem mutuamente. Nessa perspectiva, a análise das dimensões da produção e do sentido e da subjetividade desses trabalhadores é de fundamental importância para se pensar como se configura a atividade que desenvolvem.

Nossa pesquisa comparativa das modalidades de inserção urbana dos ambulantes estará centrada em três hipóteses:

- 1 – A lógica locacional de implantação do comércio ambulante segue fatores precisos que são: a quantidade do fluxo de pedestres do local, a possibilidade de proximidade deste fluxo do local onde ele está fixo ou da sua capacidade de locomoção até ele e das condições de atração criadas ou não pelos próprios ambulantes (oferta diversificada de produtos baratos, gastronomia, pontos de encontro e animação) ou pelos planejadores urbanos.
- 2 – Tornar-se ambulante é o resultado de uma exclusão do mercado formal de trabalho, assim esta atividade não pode ser considerada como um complemento de renda, mas como a principal fonte de recursos para numerosas famílias. A inserção urbana destes comerciantes depende da amplitude do acesso às redes sociais mobilizadas.
- 3- O espaço utilizado para o desenvolvimento das práticas do comércio ambulante é objeto de conflito social, sendo necessária a organização dos vendedores ambulantes para sua atuação nos espaços da cidade abertos ao público e para sua legitimação junto ao poder público.

Metodologia

Em nossa pesquisa, tomamos como primeira tarefa a de selecionar os lugares para mostrar a espacialização das práticas com a preocupação de definir os diferentes espaços vivenciados pelos próprios atores. Admitimos a noção de colocar em cena a vida cotidiana no mesmo sentido de Goffman (1973) como meio de análise teórica. Depois de várias observações in situ e de um levantamento e análise da literatura sobre a questão do comércio ambulante no Rio e outras cidades brasileiras (Sorj: 1988; Sena:2002; Castañeda: 2003; Melo & Teles:2000; Reginensi: 2004), abordamos o comércio ambulante no confronto de três tipos de espaços: 1) um espaço físico, material caracterizado por numerosas ambiências; 2) um espaço de relações sociais complexas; 3) um espaço político, verificado pelo conflito de interesses. Para a obtenção dos dados valemo-nos das estatísticas oficiais, da mídia em geral, documentos de pesquisas acadêmicas, entrevistas semi-abertas com representantes das organizações desses trabalhadores e técnicos do poder público, assim como questionários com ambulantes e

³ O desemprego estrutural coloca-se no bojo da reestruturação produtiva fundada na revolução tecnológica no contexto da globalização da economia.

consumidores⁴, procurando dar conta dos diferentes atores envolvidos na questão. Elaboramos uma cartografia das áreas estudadas para melhor identificação das áreas e produtos comercializados.

Descrição do campo e caracterização das áreas pesquisadas

Na primeira pesquisa de campo realizada, em 2005, foram priorizadas as seguintes áreas : Copacabana, Camelódromo da Uruguiana e Rocinha, enquanto na segunda foram retomados os espaços seguintes : Copacabana e Camelódromo da Uruguiana. Na discussão sobre redes, aqui apresentada, analisamos os dados sobre Rocinha.

Tabela recapitulativa das pesquisas realizadas e dos universos estudados

Pesquisas e estudo realizados	Universos estudados	Número de questionários e entrevistas	Valorização / publicações
Pesquisa de 2005: “Experiências urbanas dos vendedores ambulantes no Rio de Janeiro”.	Copacabna, Rocinha Camelódromo	101 questionários e entrevistas com organização dos camelos e técnicos da prefeitura	Participação no seminário internacional em México (julio de 2005) com tema <i>Commerce et mobilités urbaines à l’heure de la métropolisation</i> ”, Organização de um seminário internacional, em novembro de 2005, no Rio , publicação: GOMES M.F.C.M.2006 (org.) <i>Cidade, Transformações no Mundo do Trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização</i> . Rio de Janeiro : D P & A. Artigo publicado, em 2007, no dossier de <i>Cybergeó</i> revista online www.cybergeó.eu/index4870.html
Pesquisa de 2006: Pesquisa internacional numa parceria laboratório brasileiro-FACI/ e laboratórios	Leme/Copacabana	113 questionários a vários usuários da Orla -43 quest.	Participação no seminário de novembro de 2006 em Toulouse Monografia de conclusão de curso da Débora Santos: “Globalização da economia e transformações no mundo do

⁴ Nas duas pesquisas, em cada lugar, selecionamos, de maneira aleatória os vendedores no espaço institucionalizado (mercado, feira) e de vendedores nos intertúlios, nas calçadas e na areia da praia. Aplicamos questionários junto a 130 vendedores ambulantes. Estes questionários se compõem de diferentes pontos tais como: dados de identificação do indivíduo, trajetória profissional do vendedor a partir dos 5 últimos anos, suas condições de trabalho, seus deslocamentos, sua renda, sua participação em organizações da categoria, seu conhecimento de projetos públicos relacionados à sua atividade.



<p>franceses LISST-CIEU/GRECAU Universidade de Toulouse Le Mirail em 2006: “La petite fabrique du développement urbain durable. Une comparaison Nord/Sud” . O subprojeto desta pesquisa, está sendo desenvolvido com enfoque nas seguintes perguntas: qual o papel que desempenha o comércio informal, na cidade e na orla de Copacabana? Uma forma de “urbanismo negociado” é possível?</p>		<p>aplicados a quiosqueiros e 29 quest. aplica dos a vendedores ambulantes. Entrevistas com técnicos e atores econômicos</p>	<p>trabalho e atividade ambulante: un estudo sobre o caso do Rio de Janeiro”. Orientadora: Maria de Fatima Cabral Marques Gomes</p>
<p>Estudo das práticas de consumidores do Camelódromo: Janeiro de 2007</p>	<p>Camelódromo e cruzamentos na volta do mercado Popular</p>	<p>111 quest. Aplicados e etnografia urbana</p>	<p>Artigo em preparação para a Revista Espace et Sociétés de autoria de REGINENSI, GOMES E BAUTES.</p>
<p>Setembro de 2006/fevereiro de 2007: pós –doutorado no FACI da professora pesquisadora Catherine Reginensi com o tema :mobilização de recursos pela atividade de vendedor ambulante e conflito pelo uso do espaço.</p>	<p>Camelódromo, Rocinha, Copacabana</p>	<p>Entrevistas com vendedores e fornecedores + cartografia dos espaços</p>	<p>Em preparação documento final</p>



Os primeiros resultados das pesquisas

Formatado: Fonte: 12
pt

1. Espacialização das práticas do comércio ambulante um cenário urbano em construção

Organizamos uma grade de observação que permite no mesmo tempo mapear o espaço apropriado pelos vendedores, caracterizar os produtos, as interações e os fluxos diversos em presença

Descrição da grade e do protocolo de aplicação

Período de observação: outubro 2006, dezembro 2006 e fevereiro 2007 (dias diferentes da semana). Temporadas escolhidas: Período de fim da primavera e início do verão e nos tempos de maior atividade comercial (Réveillon e Carnaval); períodos de chuva (oportunidade de venda de guarda chuvas, por exemplo) e também de praia (venda de produtos diversos como: biquínis, cangas, chinelas, óculos, protetor solar a lado de produtos alimentícios e, de artesanato sempre na venda) + produtos na moda do momento o em função de eventos – shows, manifestações culturais e outras (variáveis dependente dos locais e do mercado).

Os lugares:

A) Interstícios e cruzamentos na volta do Camelódromo (Centro, Uruguaiana)

B) Interstícios e cruzamentos em Copacabana (calçadão da praia, e arreia)

Estes lugares já foram estudados numa pesquisa de campo em 2005 e na Orla de Copacabana em 2006, revelaram fluxos, interstícios e interações relevantes a ser aprofundados.

Dias de observações

Camelódromo : Quarta (tarde) meio da semana: atividade "normal" de comércio na área, Sexta ou Sábado (de manhã): dia de maior atividade comercial,

Na praia: Sábado (de manhã) ou domingo dias de maior atividade.

O resultado dessas observações repetidas a diferentes momentos do dia, da semana e do ano permite mostrar a capacidade dos vendedores a adaptar os produtos ao local e indicar que na praia, na rua, / na saída do metrô não acontecem as mesmas interações Em Anexos : Planta 1 Vendedores da arreia praia de Copacabana; Planta 2: Vendedores ambulantes na volta do Camelódromo]

2. Caracterização de um perfil de vendedores e mobilização das redes

Quem são os vendedores ambulantes e como tornam-se vendedor ambulante? Durante o nosso trabalho de terreno (2005,2006), junto a 130 vendedores, tentamos compreender como constrói-se a identidade profissional do vendedor ambulante. Uma parte do nosso trabalho de pesquisa por questionário permite definir um perfil preciso do vendedor:

- A atividade comercial dos ambulantes parece ser à 60% uma atividade masculina, não obstante não é necessário negligenciar o contribuição das mulheres nas atividades de fabricação de produtos alimentícios nomeadamente ainda que são "invisíveis" na rua;

- A maior parte dos homens e das mulheres entrevistados identificou-se como chefe de família e considera o seu trabalho como a renda principal da família; estes resultados vão no sentido das outras investigações efetuadas no Rio de Janeiro (Melo & Teles: op.cit), mas também outras cidades brasileiras (Sena:op.cit.)



- A faixa etária situa-se na fração 35 -45 anos por conseguinte um perfil de adultos em idade economicamente ativa e mais de 45% deles afirmou ter procurado um emprego no setor formal mas não ter encontrado o que levou-o a ocupar uma atividade na rua; por outro lado, reconstituindo a sua trajetória profissional sobre os 5 últimos anos (à data do nossa pesquisa), 70% da nossa amostra respondeu ter ocupado um emprego formal, frequentemente no setor dos serviços e o comércio e, mais de 30%, tinham ocupado este tipo de emprego sobre períodos de 1 para 5 anos ganhando de 2 para 4 salários mínimos. Por último, 25% da nossa amostra trabalhava como ambulante desde mais de 5 anos o que indica um percurso nesta atividade que teria tendência a estabilizar-se.

- O que é interessante sublinhar é como chegaram a trabalhar como ambulante. Nesse ponto, os informantes podiam escolher entre várias respostas tais como: "com acordo com um parente", com acordo com outra pessoa", "ao passar a ser proprietário do seu instrumento de trabalho:" carro, pequeno quiosque "... ou "outro". Nas respostas conseguimos 77% de "outro", revelando os acordos e arranjos permanentes para guardar o seu lugar sobre a praia ou nas ruas (Sorj, op.cit).

Consideramos o vendedores ambulantes como atores da economia urbana (Gomes&Reginensi,op.cit). A maioria deles aprende a avaliar rapidamente os recursos disponíveis no espaço urbano, utilizando-se de indivíduos com experiência neste ramo e/ou através de uma rede social que propicia a sua iniciação.

As redes de solidariedade⁵

Numa sociedade baseada nas relações pessoais como o Brasil (Da Matta,1997), é sempre importante sublinhar que as redes de relações (relações de vizinhança, relações na economia informal, relações na conquista da legitimidade para ser um cidadão) são um recurso, e muitas vezes, uma riqueza mais significativa que a renda que um indivíduo possui. Os indivíduos chamados favelados ou de baixa renda, dos espaços de habitação popular, têm relações fora do lugar de residência e essa espacialização ampliada de suas práticas garante às populações mais pobres, mas também às populações mais abastadas, uma forma de proteção social e oferece um contexto de regulação no meio urbano.

Sobre os 130 indivíduos interrogados por questionários 22 foram selecionados para responder às perguntas sobre as redes⁶ e 19 descreveram o contexto dos encontros e como estas relações evoluíram. A nossa análise leva em conta as informações obtidas junto aos 19 vendedores, o que permitiu descobrir 78 relações. Foi na Rocinha, que foram feitas a maioria das questões relativas às redes(no total 12 sobre 19).

Os vendedores ambulantes vão privilegiar relações que permitem, na interação, ter acesso ao máximo de informações que podem contribuir para melhorar seus recursos (materiais, financeiros ou simbólicos), permitindo trocas e às vezes servir para controlar alguns conflitos. Nenhuma característica social precisa é verdadeiramente determinante na dimensão das redes. O lugar de origem antes da instalação no Rio de Janeiro é, contudo um fator a ser destacado e

⁵ Uma rede social não se reduz à simples soma de relações, e a sua forma exerce uma influência sobre cada relação. Uma rede se define, simplesmente, como um conjunto de relações entre indivíduos, permitindo a circulação de recursos variados (objetos, dinheiro, informação, etc). Assim, as redes sociais desempenham um papel essencial no acesso à moradia, ao emprego, à capacidade dos indivíduos de ultrapassar momentos difíceis (doença, desemprego).

⁶ Foi utilizada uma técnica chamada de "générateurs de noms" que permite ao entrevistado listar os indivíduos com quais se relaciona para obter ajuda ou apoio para acesso a atividade comercial de venda ambulante e para manter-se na atividade.



desempenha um papel na dimensão das redes. Com efeito, a maioria dos vendedores que responderam às perguntas sobre as redes eram originária do Nordeste brasileiro (dos Estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Bahia) Nesse sentido, poder-se-ia confirmar a hipótese que é na mobilidade que se constituem os recursos dos indivíduos.

Pudemos observar na Rocinha, numa pesquisa precedente, que os diferentes encontros dos indivíduos, nas ruas dessa favela, reforçam relações de parentesco ou de vizinhança (na acepção de vizinhos da região de proveniência e não o vizinho atual; assim, as relações não se estabelecem pelo menos na ajuda prestada para o desenvolvimento da atividade econômica). Estes encontros são ocasiões para transmitir informação, mas servem também, de maneira mais simbólica, para reconhecer a relação de identificação com um parente ou um conhecido que, por sua vez reconhece também esta relação. Existe verdadeira uma aposta em comum destas relações. Contudo, convém matizar o aspecto "comunitário" da Rocinha. É verdadeiro que as redes primárias são fundadas na relação familiar, e a Rocinha, desempenha um papel no acesso ao alojamento ou os serviços urbanos e traduz concretamente que o nomeia-se geralmente a relação social. Mas, encontramos um número pequeno de pessoas originárias do Nordeste, vendendo no mercado chamado o mercado do Boiadeiro ou dos nordestinos.

Cada vez mais, a Rocinha representa, pelo fato da sua localização geográfica, um lugar potencialmente interessante para a atividade de comércio para populações da cidade do Rio de Janeiro ou do Estado de Rio de Janeiro, em situação precária. Esses pequenos comerciantes vêm vender no mercado no Domingo e têm outra atividade de vendedor ambulante em outros lugares da cidade durante o resto da semana. Em outros termos, o mercado faz-se em rede e como sublinham Véronique Manry e Michel Peraldi, no caso de Marselha (2004: p. 51) vincula os atores ao dispositivo comercial, tanto quanto as redes preexistentes que se apóiam sobre pertencas comunitárias. A análise das ajudas prestadas pelas pessoas citadas pelo vendedor ambulante indica também uma diferença entre homens e mulheres. Os homens têm uma rede que os ajudam para montar a sua atividade e em contrapartida auxiliam dando informações, ajudando- o financeira ou materialmente. As mulheres evocaram mais freqüentemente que contam com "o apoio moral" dos homens. Isto tem a ver com as relações fortes de referência: as mulheres vão citar mais membros da sua família entre as pessoas que as ajudaram e que continuam a lhes ajudar. Seguidamente, entre as pessoas citadas vem outro ambulante ou um amigo, às vezes, os dois confundem-se! Consideramos que os ambulantes possuem certamente projetos individuais, mas que as cooperações, os acordos são indispensáveis para que se mantenham na atividade. As redes são, sobretudo, uma troca verbal e são tecidas no cotidiano, "no dia a dia" do vendedor ambulante. É durante esta troca que se constituem os recursos, que se forjam opiniões para tomar decisões, para melhorar as condições de trabalho ou ainda para resolver problemas. Os vendedores estabelecem uma relação com o tempo e estão são constantemente questionadas. A relação comercial, de acordo com Peraldi (op.cit.), é uma relação face a face, mas é necessário, contudo, compreender que esta negociação permanente excede o ato individual e que intervém num contexto de papéis, de regras e de relatórios de poder.

3. Conflito pelo uso do espaço, organização coletiva e atuação do poder público

A diversidade das atividades dos ambulantes e a mobilidade do trabalho colocam dificuldades à organização desses trabalhadores. A fragmentação social, no caso dos camelôs, foi aprofundada no contexto da globalização, mas é um fenômeno mais amplo que perpassa as sociedades atuais atingindo-as de forma diversificada a depender da posição que cada uma ocupa no contexto da economia mundial. Essa fragmentação no Brasil assume uma outra



complexidade, já que está associada a velhas formas de organização do mercado de trabalho relacionadas ao trabalho informal do tipo de subsistência responsável pela produção da pobreza nas periferias urbanas. É importante ressaltar que a pobreza produzida pelo novo regime de acumulação que se verifica no país nesse momento se tornou a condição comum para o mundo, importando em uma revolta e uma indignação que é catalisada pelos novos sujeitos revolucionários que se articulam em lutas explorando novas potencialidades de ação. Assim, “os focos de resistência e de revolta são múltiplo, heterogêneos, transversais, em relação à organização do trabalho e às divisões sociais” (Lazzarato e Negri, 2001, p. 33).

Isso fica evidente na pesquisa quando a maior parte dos entrevistados resiste às novas formas de subordinação do trabalho, mas afirma que não está filiada a nenhum sindicato. De toda maneira, essa resistência se faz no cotidiano, violando as regras de ocupação do espaço público, ao desenvolverem seu trabalho em espaços interditados, ao realizarem atos públicos e passeatas e ao enfrentarem a violência da guarda municipal, etc. Identificamos uma tentativa de organização política desses trabalhadores em torno do Movimento Unido dos Camelôs (MUCA) que recebe apoio da CUT (Central Única dos Trabalhadores)⁷. Para os líderes do movimento, várias tentativas de organização foram feitas e nessa trajetória algumas vitórias foram obtidas. Nesse sentido, a politização do ambulante e sua capacidade de organização e luta verificou-se na capacidade de afetar o uso do espaço social, através de leis ou regulamentos que reconhecem e protegem essa atividade. Por força das pressões do movimento, na década de 1990, foi sancionada uma lei nº 1876/92 que regulamenta o comércio ambulante na cidade do Rio de Janeiro⁸, com uma mobilização de 20 mil camelôs, a despeito da repressão policial, sobretudo focada nos líderes do movimento que, por diversas vezes, foram presos. Essa lei, segundo esses líderes, não tem sido cumprida pela Prefeitura do Rio de Janeiro e, por outro lado, houve um refluxo do movimento o que não tem permitido uma maior pressão junto à administração municipal. Na pauta de luta hoje se destacam: condições ambientais de trabalho, espaço para armazenamento de mercadoria, processo de inscrição como autônomo no INSS em condições favoráveis, bem como a construção de camelódromos e outros espaços para a realização de suas atividades. É importante ressaltar que esta não é a única organização. A maior parte destas são constituídas de associações que se encarregam do trabalho administrativo, no caso dos camelódromos. Alguns assentamentos de barracas de venda em vários espaços da cidade (Centro- Castelo e Santa Luzia, Central do Brasil etc.) estão atrelados ao poder público municipal através de propinas e conchavos políticos. Existem também organizações clandestinas que são consideradas perigosas, particularmente as ligadas à venda de produtos “piratas”. Essas últimas formas de organização colocam empecilhos à luta dos camelôs.

O movimento tem tentado estabelecer alianças com sindicatos, com a CUT, e até mesmo com o comércio formal. A aproximação com este último tem resultado em avanços que se verificam numa posição mais progressista por parte de alguns comerciantes que entendem que muitas vezes o camelô é um atrativo a mais para sua clientela e por essa razão colocam-se

⁷ Este é liderado por uma mulher conhecida como Maria dos Camelôs e por Idson, um homem formado pelos movimentos ligados à pastoral da Igreja progressista de Caxias - município da baixada fluminense.

⁸ A Lei estabelece critérios definindo o tipo de que pessoa poderia ser comerciante ambulante: principalmente os desempregados que só poderiam ficar dois anos até conseguir uma outra colocação; os egressos do sistema penitenciário; pessoas que chamavam de desamparados (maiores de 45 anos que têm dificuldade de se inserir no mercado de trabalho) e deficientes físicos. Outro critério seria que tipo de comércio interditado: bebida alcoólica, arma, munição, alimentos preparados no local, exceto: pipoca, algodão-doce e outros; sapatos; malas; roupa; pássaros e outros tipos de animais; relógios; óculos; medicamentos e artigos eletrônicos. Determina ainda que fossem estudados os locais para alocação de camelôs na cidade.



contra a postura repressiva do governo municipal, considerando que o conflito entre a guarda municipal e os camelôs acarreta prejuízos ao comércio formal.

Entre a Prefeitura e o Movimento não há uma interlocução, embora se verifiquem entendimentos com os camelôs de assentamentos ou de camelódromos. As feiras de artesanato construídas ao longo da Praia de Copacabana⁹, por exemplo, estão pouco a pouco se descaracterizando com a venda de produtos industrializados, especialmente chineses. De modo geral, o discurso da prefeitura tenta desqualificar o trabalhador ambulante rotulando-o de ilegais, baderneiros, forasteiros, contrabandistas (trabalham com produtos piratas) e marginais. Vale ressaltar que esta postura tem sido construída e propagada pela mídia, através de representações e imagens negativas sobre os camelôs em nossa cidade¹⁰. Assim a imagem dos camelôs é associada à violência urbana, à marginalidade, à ilegalidade, à pirataria e ao comércio de drogas.

Analisando o caso do Rio de Janeiro, não se pode afirmar que existe uma verdadeira política no sentido de viabilização de direitos com relação aos trabalhadores ambulantes. No decorrer da pesquisa, foi possível identificar algumas ações como a construção de camelódromos e cursos profissionalizantes¹¹ que abarcam uma parte muito reduzida dessa população. Para conter o aumento do número de ambulantes a prefeitura desenvolve uma ação repressiva, visando desocupar o espaço urbano, realizada pela Guarda Municipal denominada pelos camelôs como “guarda pirata”¹². A guarda tem sido acusada pelos camelôs de cobrar propina¹³ e roubar as mercadorias dos trabalhadores ambulantes. Segundo as informações coletadas em nossa pesquisa, o Governo do presidente Lula tentou atender algumas das reivindicações dos camelôs quando enviou a Comissão dos Direitos Humanos para averiguar os casos de tortura produzida pela política repressiva da Prefeitura em relação aos camelôs. Por parte do governo federal, houve ainda a abertura de uma linha de crédito. Segundo os líderes do Movimento, o governo federal parece estar estudando uma nova forma inserir esse segmento da classe trabalhadora no INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), embora não haja nada de concreto até o momento. De toda maneira, isso evidencia que a luta deve extrapolar os limites da cidade e que se verificam ganhos ao nível federal.

O MUCA entende que o governo deve, de alguma maneira, oferecer apoio à atividade do ambulante, considerando o desemprego crescente. Para os líderes do Movimento, do ponto de vista social, o trabalho ambulante tem contribuído para que um grande número de pessoas envolvidas não entre na criminalidade e possam levar a vida honestamente¹⁴.

⁹ Inicialmente, para obter um espaço nessas feiras o artesão deveria se submeter a uma prova. Atualmente não há mais controle. Há uma ameaça constante por parte da guarda municipal e outros agentes da prefeitura no sentido de desalojar esses feirantes, inclusive aqueles que passaram por provas e foram considerados oficiais.

¹⁰ O jornal o Globo de 20 de março de 2005, por exemplo, divulga matéria intitulada “Camelódromo da Uruguaiana vende até cachimbo para fumar crack”. Nessa matéria a própria polícia conclui que não se pode afirmar que os cachimbos sejam para o uso de crack.

¹¹ Segundo o representante da prefeitura na Rocinha foi feita uma parceria com o Sebrae (Serviço de apoio às Micro e Pequenas Empresas) para a realização de um curso sobre lideranças, mas apenas para as pessoas do mercado popular (Camelódromo da Rocinha).

¹² Essa denominação foi dada pelos camelôs, já que esta foi declarada inconstitucional pelas autoridades do poder judiciário, pois se trata de uma empresa municipal de vigilância fugindo dos critérios estabelecidos pela Constituição.

¹³ Durante o trabalho de campo realizado no Camelódromo da Uruguaiana e suas adjacências, os pesquisadores observaram o recolhimento de propina por parte da guarda municipal dos camelôs que não estão instalados nos boxes “oficializados”.

¹⁴ Segundo Idson, há casos de ambulantes que já foram soldados do tráfico e querem levar outra vida, são pessoas egressas do sistema penitenciário e que não querem ser mais criminosos. Essas pessoas quando vítimas da violência da guarda municipal e acabam voltando para o crime.



Entendemos a importância e a necessidade de conhecer, descobrir e potencializar experiências para criar novas formas de produzir uma vida que se contraponha a esses novos processos de exploração do trabalho, já que os Estados nacionais, sob orientação neoliberal, apresentam tendências a desresponsabilização e desfinanciamento da proteção social. A análise desses dados revela a urgência e a necessidade de garantir direitos e viabilizar serviços essenciais a esse segmento de trabalhadores, buscando alternativas que possam inspirar novas políticas públicas.

As iniciativas locais de organização e de resistência dos camelôs são importantes. No entanto, considerando que os fluxos de mercadorias, de capital, de trabalho e de informação tornam as fronteiras móveis, é necessário, segundo Harvey (2004), redimensionar a luta de maneira global, através de um movimento que, estendendo-se pelo espaço e pelo tempo, enfrente as qualidades universais e transnacionais do capital. Para isso é necessário estabelecer alianças que ultrapassem as fronteiras dos tradicionais sindicatos, agregando instituições como Igrejas, Universidades, organizações da sociedade civil, nos moldes como faz o Movimento Unidos dos Camelôs no Rio de Janeiro. As alianças passam também pelas novas formas de luta e resistência que envolve as classes populares, vítimas do sistema. Nesse conjunto se encontram os Sem Terra do Brasil, os Sem Teto, assalariados, desempregados. Essas novas lutas revelam que o próprio sujeito do trabalho e da mobilização política mudou. Este passa a ser entendido como “uma vasta categoria que inclui todo trabalhador cujo trabalho é direta ou indiretamente explorado por normas capitalistas de produção e reprodução, e a elas subjugado” (Hardt & Negri, 2001:71) Com efeito, existe hoje no Brasil e no mundo uma ampla política de resistência ao neoliberalismo e ao capitalismo. Isto revela que as contradições e os paradoxos da globalização oferecem oportunidades de uma política progressista alternativa.

Considerações finais

Para todos os pesquisadores envolvidos nestas pesquisas, cujos dados são analisados de forma resumida neste trabalho, o grande desafio foi decifrar quem são os vendedores, o que os vendedores pensam, que representações eles tem da sua atividade, do seu futuro sem julgamentos prévios.

Sem minimizar as dificuldades e as situações precárias às quais fazem face, as nossas pesquisas permitem descrever grupos de vendedores ambulantes na sua diversidade: não são excluídos passivos, mas indivíduos que se mobilizam politicamente e resistem aos processos de exclusão, adaptando-se à globalização com os recursos culturais e sociais que têm à sua disposição. Dessa forma, os vendedores ambulantes devem ser vistos como pessoas que ocupam mundos sociais que se entrelaçam. Esses segmento dos trabalhadores continuam pertencer à grupos de parentesco e comprometem-se mais ou menos à longo prazo em projetos econômicos de caráter individual ou coletivo.

Referências bibliográficas

- CASTANEDA FREITAS, D. I. 2003. *Correndo atrás do pão de cada dia. Um estudo sobre a identidade de trabalhador entre camelôs em Copacabana*. Monografia. UFFE/Rio de Janeiro
- DA MATTA, R. 1997. 5 ed. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro, Rocco



- DOS SANTOS SENA A . L. 2002. Trabalho informal nas ruas e praças de Belém: estudo sobre o comércio ambulante de produtos alimentícios, NAEA, UFPA
- GOFFMAN E., 1973. *La mise en scène de la vie quotidienne*. (Tome 1 et 2). Paris : Editions de Minuit
- GOMES M.F.C.M.2006 (org.) *Cidade, Transformações no Mundo do Trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização*. Rio de Janeiro : D P & A
- GOMES M.F.C.M., REGINENSI,C. 2007. “Vendeurs ambulants à Rio de Janeiro: expériences citadines et défi des pratiques urbaines. », in *Cybergéó*, n°368, www.cybergegeo.eu/index4870.html
- HARDT, M. & NEGRI, A . 2001. Império. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Record.
- HARVEY,D. 2004. Espaços de esperança.São Paulo:Edições Loyola
- LAZZARATO, M . &NEGRI. A . 2001. *Trabalho e formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro. DP& A .
- MANRY V., PERALDI, M. 2004. « Le marché aux puces de Marseille : une aberration économique ? », in BARBE, N., LATOUCHE, S. (dir.) *Economies choisies ?* Paris : Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, Cahier 20 de la collection *Ethnologie de la France*, pp.39-59
- MELO, H. P. & TELES, J. Ç. 2000. *Serviços e informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro* : IPEA
- POCHMANN, M. & AMORIM, R. (org.) 2003. *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez, v. 1
- REGINENSI, C. 2004: “O espaço público dos vendedores ambulantes (Guiana francesa, Belém do Pará e Recife, Brasil): entre negociação e conflito, a procura de sustentabilidade”, *VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais* (Coimbra, Portugal 16,17 e 18 Setembro 2004)-Painel 56,Tema:Isaac Joseph o espaço público e as políticas públicas
- SORJ, B. in LAUTIER B. 2004.*L'économie informelle dans le Tiers Monde*. Paris : La découverte collection Repères n°155